

RELATO SOBRE O ENSINO DE NATAÇÃO PARA CRIANÇAS PORTADORAS DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA - UMA APRENDIZAGEM RECÍPROCA.

*Luiz Carlos Paschoalino Junior¹
Maria Piedade Resende da Costa²*

O presente relato tem como objetivo descrever minha participação junto ao ensino de atividades aquáticas para crianças portadoras de deficiência auditiva, durante o ano de 2000. O trabalho foi realizado no Parque Aquático do SESC da cidade de São Carlos/SP, que dispunha de um amplo espaço físico, além de vários materiais. As sessões de aprendizagem eram realizadas semanalmente, às quartas-feiras, constando de duas horas por semana; pouco tempo para a realização de uma prática tão complexa, e voltada para esta população em especial.

As aulas eram acompanhadas por um profissional da área da Educação Física, que supervisionava minhas regências como estagiário. Com o transcorrer do tempo, quando obtive maior segurança, comecei a desenvolver minhas próprias técnicas de ensino, que fui adquirindo na experiência com os alunos.

A turma constava de seis alunos, pertencentes a ambos os sexos, com faixa etária entre 4 e 13 anos, das redes municipal e estadual de ensino do município de São Carlos, portadores de deficiência auditiva profunda (pré-lingüística).

Havia então o objetivo de despertar nos alunos o interesse pela prática esportiva. Para isso, abusava-se da variedade e criatividade das dinâmicas, sempre adaptando os métodos de ensino para os alunos. Aliado a este fator, eu buscava sempre uma forte relação de afetividade entre professor/aluno; fatores estes que foram imprescindíveis para um alcance além dos objetivos.

¹*Graduando em Educação Física pela Universidade Federal de São Carlos/SP.*

²*Orientadora - Programa de Pós-graduação em Educação Especial - UFSCar.*

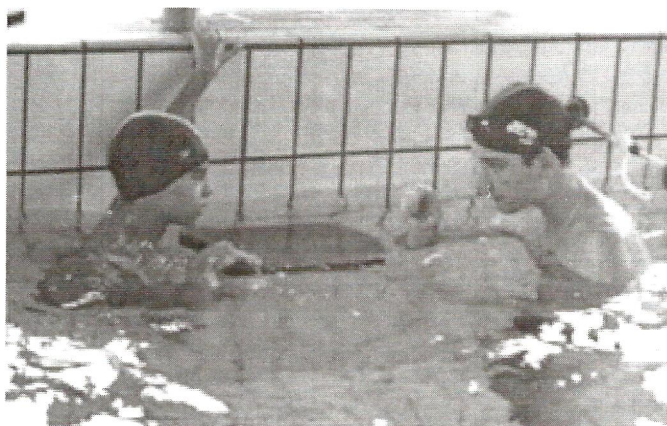
TÓPICOS PRINCIPAIS DO RELATO

Muitos foram os fatores julgados importantes durante esta gratificante experiência, pretendendo eu destacar aqui alguns deles.

Primeiramente coloco a importância da realização de uma atividade física para esta população, uma vez que não somente o lado físico das crianças foi desenvolvido, mas também outros fatores agregados, como, por exemplo, a socialização. Trabalhado este aspecto, os alunos deixaram um pouco de lado a introspectividade (adjetivo comum à população em questão). A criança passou a ter contato com outras pessoas que não de seu meio familiar ou escolar, como professores de Educação Física (uma vez que dificilmente participam dessas aulas em suas escolas), outras crianças surdas e também as crianças ouvintes. Com relação a estas últimas, destaco a importância da inserção da criança surda neste grupo, para que ambas, surdas ou ouvintes, possam aprender o respeito mútuo. Para isso, procurávamos sempre, na hora da recreação aquática, fazer com que estas duas classes se juntassem para brincar, e por que não, tentar se comunicar.

Outro aspecto relacionado à importância da prática esportiva é a visão de poder que estas crianças relacionavam ao esporte: vitórias no esporte implicavam em êxitos na sua vida diária. Se conseguissem atravessar a piscina completa, isso seria transposto para seu dia-a-dia, sendo que também se tornariam capazes de vencer fora da piscina; esta era a analogia que eles faziam. O esporte, então, sustenta essa visão do “poder”.

E como último fator agregado à importância da atividade física, foi o desenvolvimento do hábito saudável da prática de exercícios, como meio para se evitar o sedentarismo. Este mal atinge altos índices, principalmente nesta população, já que a palavra deficiente adquire um significado geral, contrapondo-se a eficiente.



O segundo tópico diz respeito à comunicação, que foi o fator que julgo ser a única limitação (excetuando-se outras seqüelas multifatoriais da doença causadora da surdez) para estes alunos. A comunicação através da língua de sinais causou muitas confusões no início, como um episódio cômico que me ocorrera, que foi quando descobri tarde demais que uma aluninha queria apenas ir ao banheiro. Portanto, eu

saía destas situações embaraçosas usando apenas a sinceridade e um pouco de bom humor, e, é claro, procurando sempre me inteirar do novo "idioma". Contudo, percebi que o mais importante não é ser um exímio executante da língua de sinais, e sim tentar dizer algo de qualquer forma, desde que olhando nos olhos dos alunos.



Como principal tática de ensino, as posturas e posições corretas da natação eram, de início, executadas visualmente para as crianças por mim. Eu, no entanto, tinha a preocupação em, primeiramente, realizar à frente do espelho, analisar se estava próximo ao padrão, para somente então demonstrar aos alunos. Posteriormente, procurava utilizar os próprios alunos com exemplo para corretas demonstrações (importante usar todos os alunos, sem exceção como exemplos, sempre ressaltando suas corretas execuções, por menor que elas sejam). Isso também os motivava a buscar um patamar cada vez mais alto, para que pudessem servir de exemplo aos colegas. Como toda criança, às vezes eram necessárias que algumas atitudes mais sérias fossem tomadas (como quando os alunos brincavam uns com



os outros de ficar “roxinho” à força). Para isso, não eram necessárias punições, e sim uma simples mudança na fisionomia. Como tinha um contato muito íntimo com meus alunos, sempre brincando e sorrindo, bastava um olhar mais sério, que eles já entendiam que algo estava errado, e então se continham.

Um ponto interessante observado por mim, que também julgo importante de ser citado, é a facilidade de compreensão com que contavam os alunos. A mecânica do movimento era entendida com tal precisão, que eles se apegavam aos detalhes mínimos da técnica, às vezes deixando o movimento em seu contexto mais global para segundo plano. Quando eu os transmitia algum fundamento da natação, como por exemplo a braçada do estilo Crawl, antes de automatizarem a mecânica mais “grossa” do movimento, eles se preocupavam em adquirir a posição correta do punho, a disposição dos dedos ou o ângulo de ataque da mão. Novamente desponta a preocupação em fornecer ao aluno, principalmente ao surdo, a correta demonstração do exercício.

Como último fator, mas não menos importante, destaco uma meta atingida além dos objetivos iniciais do projeto: a independência. O aprendizado dos alunos ultrapassou os limites da piscina, onde estes eram submetidos a realizar suas tarefas por meios próprios, dependendo o mínimo possível de auxílio. Isso ficava claramente evidenciado na modalidade esportiva em questão, onde a iniciação depende da presença do professor constantemente, dando segurança ao aluno (como, por exemplo, quando eu os levava até a metade mais profunda da piscina segurando em suas mãos). Esta ajuda, no decorrer das sessões de aprendizagem, ficava cada vez mais reduzida, até que então os alunos adquirissem autonomia para que, sozinhos, realizassem a tarefa. Paralelamente, isso era trabalhado nos alunos fora do meio aquático, com a segurança em se locomoverem sozinhos, organizarem seus materiais e o do clube, entre outros fatores.

PRECONCEITO: O PRINCIPAL OBSTÁCULO

Percebi, através de minha experiência na área, que existem muitos obstáculos que devem ser derrubados, pois colocam os portadores de alguma deficiência em níveis inferiores às pessoas ditas “normais”. O principal deles é o preconceito. Muitas pessoas ainda acreditam que a surdez é uma doença transmissível, como pude vivenciar quando uma mãe, mais do que depressa, puxou seu filho da piscina quando este brincava alegremente com um dos meus alunos. Não se contentando, ela ainda foi embora limpando seu filho com uma toalha, sem sequer olhar para trás. A revolta que me dominou naquele instante foi muito grande. Por sorte, meu aluno, devido a sua inocência, não percebera o que aconteceu; e aquela mãe, também por sorte (dela), não aparecera mais.

É triste, mas é realmente o que acontece a todo momento, às vezes não de forma tão evidente o quanto pude presenciar, mas de outras diversas formas, como quando se nega emprego a um surdo, ou mesmo ao se mostrar programas na televisão sem legendas ou sem um intérprete de língua de sinais.

O que pude comprovar na prática é que basta apenas um apoio sincero para que eles possam ser iguais ou até melhores que muitos dos nossos “normais”. Deixo

aqui como reflexão: as conquistas de nossos atletas nas Paraolimpíadas em detrimento do vexame das nossas Olimpíadas.

CONCLUSÃO

Lembro-me até hoje do primeiro dia em que cheguei à piscina e me deparei com os alunos. A primeira idéia que me veio à cabeça foi a de desistir da participação nas atividades. Porém, este medo extinguiu-se rapidamente, quando me impressionei com o carisma e a alegria com que contam estas crianças (alegria até demais em alguns momentos). Estando com eles, aprendi a repensar valores que até então julgava que fossem primordiais, mas que depois percebi se tratarem de coisas supérfluas. Eles me faziam refletir que o aprendizado que tiveram comigo não se compara à grande lição de vida que eles me proporcionaram, contribuindo não só para minha atuação profissional, mas também para minha realização pessoal. Para tais fins, concluo que estas crianças são sim crianças especiais, em todos os sentidos.



"O VERDADEIRO DEFICIENTE É AQUELE QUE DISCRIMINA E AINDA TEM A CORAGEM DE SE DIZER NORMAL"

Apoio: *Programa de Pós-graduação em Educação Especial
Pró-reitoria de Graduação (Bolsa Atividade)/UFSCar
Paulo Henrique Verardi / Chefe do Depto. de Esportes - SESC/São
Carlos
Prefeitura Municipal de São Carlos/SP*